

EDITORIAL

O Tempo

Desde os tempos remotos o homem tem como objetivo descobrir como lidar melhor com o tempo. Talvez a primeira referência humana ao tempo tenha sido a percepção da alternância do dia e da noite e a compreensão que esse fenômeno ocorria com regularidade, mas, desde a antiguidade, algo que não se conseguia controlar. Destarte, isso fez nascer em sua consciência a ideia da cronologia, ou seja, “ontem, hoje e amanhã”. Não obstante, inventou instrumentos cada vez mais precisos para medi-lo sempre com o intuito de planejar melhor suas atividades. Sem dúvida, o tempo para o homem foi, é e será um elemento fundamental para sua existência.

Quando damos conta do ritmo de vida em que a humanidade atualmente se encontra na corrida através do tempo, somos impelidos a admitir que a tentativa de controlar o tempo nunca deixou de existir, ao mesmo tempo que prova a incapacidade de dominar um elemento que, em tese, deveria nos servir e não nos escravizar. De qualquer forma, matematicamente, o tempo é sempre o mesmo, o que muda é a quantidade de atribuições que agregamos e a nossa percepção sobre o tempo, basta lembrar de que uma atividade prazerosa nos leva a não percebermos a passagem do tempo, do contrário, numa atividade que não agrada, temos a impressão que as horas não passam...

Talvez seja “tempo” de repensar nossa percepção do tempo, pois muitos que chegaram até esse ponto da leitura do presente editorial, já podem ter tido o pensamento sendo impelido a tentar adiantar o tempo no tocante ao que os artigos aqui publicados podem servir ou não para realização de suas tarefas acadêmicas com o objetivo de realizar suas atividades no menor tempo possível. Mas para quê? Para ganhar tempo? Ou para perder tempo?

É tempo de refletir menos na passagem do tempo e mais nas experiências que o tempo nos permite conhecer. Parafraseando o Filósofo Mario Sérgio Cortella – É tempo para o conhecimento!!!

Que todos tenham uma excelente leitura.

Prof. Nilton Anderson Bsepalez Corrêa
Editor